

# Tasso já definiu em quem não vota: Ulysses.

O governador do Ceará, Tasso Jereissati, rompeu com o presidente da Câmara, Paes de Andrade, e por consequência com o PMDB. Alegando que o governo está "brincando com o sentimento do nosso povo", Jereissati aproveitou uma concentração de prefeitos na cidade de Crato, a 600 quilômetros de Fortaleza, para desferir duros ataques contra o presidente da Câmara Federal, deputado Paes de Andrade. O motivo para a irritação do governador foi a assinatura, há uma semana, de uma licitação para a construção de um reservatório conhecido como "Castanhão".

Referindo-se diretamente a Paes de Andrade, sem, no entanto, citar seu nome, Jereissati disse que a assinatura da licitação foi "uma grande farsa...de alguns homens que estão há 40 anos brincando com o povo". Garantindo que "ninguém vai inundar a região do Baixo Jaguaribe", o governador finalizou seu discurso dizendo que no dia 15 de novembro "elegeremos um verdadeiro presidente da República".

Ontem, no Palácio do Cambéba, sede do governo cearense, a assessoria de Jereissati disse que ele "não quer qualquer aproximação com aqueles que formam ao lado do dr. Ulysses". Espera-se para hoje o início da liberação dos funcionários que ocupam cargos de chefia, por força do rompimento com Paes de Andrade, e, por extensão, com o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães. O senador Mauro Benevides, presidente do diretório cearense do PMDB, deve chegar hoje a Fortaleza para tomar conhecimento da "crise" gerada pelo rompimento de Jereissati.

O candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, propôs ao governador Miguel Arraes, de Pernambuco, um encontro a ser realizado em agosto, em Brasília, para que ele, os deputados do partido e secretários de Fazenda dos Estados possam discutir os "rumos da campanha". Foi essa a forma de Ulysses responder às críticas de Arraes sobre os rumos da campanha e sobre uma possível falta de um programa claro de governo. "Queremos sugestões", disse

Ulysses, "e também críticas. Elas nos animam e nos ajudam". Se faltam planos, pelo menos uma decisão já foi tomada. Caso sejam eleitos, o vice Waldir Pires estaria incumbido de liderar a renegociação da dívida com os credores internacionais.

"Sem resolver o problema externo", declarou Ulysses, "ninguém vai conseguir promover mudanças profundas na vida econômica e social do País". E acrescentou: "O País não cresce há dez anos porque não tem poupança externa para novos investimentos. Em compensação, nesse período remetemos, em serviços e juros da dívida, cerca de 110 bilhões de dólares". E o vice Waldir Pires acrescenta: "Só nos quatro anos de mandato de Sarney os credores ficaram com 61 bilhões de dólares".

Durante o programa de rádio "Encontro com a Imprensa" da Rádio Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, o candidato a presidente pelo Partido Comunista do Brasil, Roberto Freire, justificou sua aproximação com José Sarney: "Costumo se-

parar a figura humana do governante. Sou inimigo de suas idéias, mas não de sua pessoa". Uma ouvinte perguntou-lhe como é possível governar sem "a ajuda de Deus". Freire respondeu: "Sarney e Pinochet acreditam em Deus e vão à missa e nem por isso são bons governantes".

Desacostumado do corpo-a-corpo com eleitores — há 19 anos afastado de disputas — Aureliano Chaves, candidato pelo PFL, disse ontem que se Minas quiser "poderei ser o presidente da República", decidindo finalmente investir pesado no eleitorado mineiro — mais de 8 milhões de eleitores — utilizando cartas, bilhetinhos e telefonemas a seus antigos correligionários. O ex-deputado Paulino Cicero, um dos coordenadores da campanha do PFL, disse que Aureliano deita-se diariamente às duas horas da madrugada "fazendo esse trabalho". Para sensibilizar o eleitorado mineiro Aureliano vai levantar a falta de mineiros na Presidência da República há mais de 30 anos. "Recentemente ganhamos, mas não levamos", referin-

do-se à morte de Tancredo Neves antes de assumir.

O candidato a vice pelo PSDB, Roberto Magalhães, só vai se integrar à campanha depois de definir com o presidencial Mário Covas seu espaço de atuação política. Ontem, o ex-governador de Pernambuco embarcou para São Paulo disposto a obter o sinal verde de Covas para prosseguir as negociações já em curso com políticos de seu grupo, entre eles o senador Marco Maciel (PFL-PE), o prefeito de Recife, Joaquim Francisco (PFL), e o ex-governador do Rio Grande do Norte, José Agripino.

O candidato do PDT, Leonel Brizola, manifestou por diversas vezes sua repulsa ao governo Sarney, mas nem por isso no Palácio do Planalto ele deixa de ter seus admiradores: o mais recente é o ex-porta-voz presidencial e amigo fiel de Sarney Fernando Cesar Mesquita, atual presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama).